

GARRA XAVANTE: SAMBA E FUTEBOL COMO IDENTIDADE DE UMA CHARANGA.

AUTOR: EVERTON DA CUNHA MACIEL

ORIENTADOR: PROF. DR. MARIO DE SOUZA MAIA

Universidade Federal de Pelotas - evertonmaciel365@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas - maihamario25@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A referida pesquisa está sendo realizada no curso de pós-graduação do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. O trabalho tem por objetivo apontar como a identidade e a cultura são percebidas nas expressividades das classes populares.

De forma específica, o interesse recai sobre o trabalho etnográfico que será realizado com a Garra Xavante, charanga musical do Grêmio Esportivo Brasil, clube de futebol da cidade de Pelotas/RS. Desta forma, pretende-se explicitar quais os elementos que compõem a identidade da referida bateria e como esse coletivo se percebe e se afirma enquanto representante do clube, da torcida, do bairro, e do município.

Minha aproximação com o Brasil acontece devido a minha identificação com a cultura étnica presente naquele espaço e com as pessoas e grupos que freqüentavam e freqüentam os jogos. Referente à identidade e manifestação étnicas as representações adquirem vários significados conforme expressa Oliveira (2006), outro autor que me apoio para discussão de etnia será Barth (1969), para discussão da identidade e diáspora usarei como referência Hall e Gilroy.

Pretende-se com esses elementos, caracterizar a percepção do grupo acerca dele mesmo, o seu significado, de modo a permitir um entendimento sobre o que é a identidade e cultura na Garra Xavante.

2. METODOLOGIA

A orientação inicial da pesquisa é a realização de uma observação participante. Dentro disso, irei a campo deixando que o campo me fale, sem certezas prontas. Farei a observação ao mesmo tempo em que participo do grupo, dentro de uma prática cotidiana e de um vínculo que já existe. Esta prática de pesquisa antropológica está relacionada com o que inicialmente foi proposto por Bronislaw Malinowski. De acordo com Denis Cuche:

O grande mérito de Malinowski será, no entanto, demonstrar que não se pode estudar uma cultura analisando-a do exterior, e ainda menos a distância. Não se satisfazendo com a observação direta "em campo", ele sistematizou o uso do método etnográfico chamado de "observação participante" (expressão criada por ele), único modo de conhecimento e profundidade da alteridade cultural que poderia escapar ao etnocentrismo (CUCHE, 1999, p. 73-74).

Apoiando-me na observação participante, minha pesquisa etnográfica terá a imagem em movimento e a antropologia visual como suporte prático da pesquisa realizada neste grupo. Cabe, neste ensejo, um diálogo com o documentário. O documentário, para Jean Louis Comolli, define-se no “fato de que ele não dissimula, não nega, mas ao contrário afirma o seu gesto, que é o de reescrever os acontecimentos, as situações, os fatos e as relações em forma de narrativas” (COMOLLI, 2008, p.174). Neste âmbito está em curso não apenas o fato de produção dessa narrativa, mas também suas condição de partilha entre quem é registrado e quem registra. Uma condição que coloca o pesquisador em posição “interpretativa” (GEERTZ, 2008) diante do que vê. Sua presença tem sentido quando o relato é partilhado com o outro, sem exclusão de conflitos e contradições nessa relação.

O sujeito é o principal elemento para se desenvolver uma etnografia. Na busca de uma narrativa, venho amparar-me nas palavras de Marco Antônio Gonçalves sobre o legado de Jean Rouch para a etnografia:

Essa condição de etnografar, de se ter acesso ao mundo do outro pela palavra do outro sobre si próprio e sobre quem lhe pergunta como é o seu mundo, dá à etnografia a confiança de tornar o que as pessoas imaginam como sendo uma verdade, isto é a verdade da etnografia. (GONÇALVES, 2008, p. 115)

Neste âmbito, a contribuição de Rouch foi a de buscar, sobretudo através das imagens, uma verdade que reside na própria *misè-en-scene* que se estabelece entre quem filma e quem é filmado e que, portanto, coloca-se distante de uma verdade absoluta advinda dos paradigmas da ciência moderna. De tal forma, a presente pesquisa insere-se neste lugar: o de perceber uma verdade que nasce do encontro e que é, também, uma ficção partilhada entre os que participam dessa relação.

3.RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como torcedor do Grêmio Esportivo Brasil e depois integrante da Garra Xavante, percebi uma possibilidade de desenvolver um trabalho acadêmico, referenciado na pesquisa etnográfica em um ambiente no qual sempre me identifiquei, transitei como torcedor e ritmista.

Durante este período percebo subsídios que podem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa. Debruço - me sobre o olhar coletivo e individual, sobre as pessoas que compartilham esse espaço. Minha curiosidade proporcionou um entusiasmo de realizar um encontro ainda mais próximo da Garra Xavante através da pesquisa de campo que está em andamento.

Mobilizado pelo olhar de pesquisador, percebo que várias são as faces que configuram a Garra Xavante, e muitos são os contextos nos quais seus elementos atuam e exercitam a identidade e cultura dos membros desse coletivo.

4.CONCLUSÕES

Pais, trabalhadores formais ou não, torcedores, mas primordialmente ritmista, a mão que dita o ritmo, o passo, a gestualidade dentro e fora dos gramados, que sincroniza as palmas, o levantar das mãos e o grito de gol esta em total sincronia com a Garra Xavante.

Agentes do amor, do ódio e dos momentos de glória, são facetas que impulsionam esta pesquisa e que explicitam um cenário de relações sociais

diversas, de conexões, caminhos e ajustes de sinais diacríticos estabelecidos dentro do grupo e que constituem a imagem de um Xavante, um membro da Charanga.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Frederik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000
- GILROY, Paul. Entre Campos: nações, cultura e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007
- HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013
- HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro, Ed. PUC Rio, 2016
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso, Caminhos da identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15. 2006
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso, Identidade Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Pioneira, 1976
- Comolli, Jean-Louis. Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte - Ed. UFMG, 2008.
- Cuche, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru- EDUSC, 1999.
- Geertz, Clifford. A interpretação das Culturas – 1ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- Gonçalves, Marco Antônio. O Real Imaginado – Etnografia, cinema e Surrealismo em Jean Rouch – Ed. Top books – Rio de Janeiro, 2008